

TRUMP: NÃO HAVERÁ ACORDO ATÉ QUE HAJA ACORDO

Por Gabriel Camilli*



Imagen meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

O encontro Trump-Putin em Anchorage marcou o retorno da diplomacia entre EUA e Rússia, mas a derrota ucraniana na guerra sob complexas ambiguidades geopolíticas desafiam um rápido acordo de paz.

O encontro entre Donald Trump e Vladimir Putin em Anchorage, Alasca, foi um espetáculo político de grande impacto global que destacou três acontecimentos importantes: primeiro, o retorno da diplomacia de alto nível entre Rússia e Estados Unidos, quatro anos após o encontro em Genebra entre Putin e Joe Biden; segundo, a vastidão do oceano que separa os dois países após anos de substancial congelamento diplomático; e, finalmente, a consciência de que um acordo para pôr fim à guerra na Ucrânia não será fácil de alcançar e, como previmos, os dois líderes jamais o teriam feito com um simples aperto de mão.

FRENTE E CAPACIDADE MILITAR

Antes de nos aprofundarmos nos recentes acontecimentos diplomáticos entre os Estados Unidos e a Rússia, vamos interpretar o que está acontecendo na Ucrânia em termos da guerra e, especificamente, no que diz respeito à frente e à capacidade militar que persiste na Ucrânia.

Segundo o coronel americano Douglas Macgregor: “Estrategicamente, não posso acrescentar muito mais ao que Viktor Orbán disse. Ele foi muito claro e disse que a Ucrânia perdeu a guerra. É verdade. A guerra da Ucrânia contra a Rússia, que é uma guerra por procuração entre Washington e a Rússia, está perdida. Se olharmos para os eventos atuais, é deplorável. Os russos estão avançando em várias áreas. Obviamente, ainda existem algumas batalhas de cerco onde há focos de resistência modesta. Mas a questão fundamental é que eles estão avançando porque não há muita resistência ucraniana, já que a maioria das tropas ucranianas foi morta. Aqueles que aparecem, com algumas exceções, são principalmente idosos e crianças. Portanto, a Ucrânia está em seus últimos momentos, e acho que é por isso que Zelensky está cruzando a Europa agora, tentando desesperadamente encontrar alguém que lhe forneça dinheiro e equipamentos que, de uma forma ou de outra, transmitam a ilusão de que um Estado ucraniano forte ainda existe. Não acho que seja o caso. Portanto, o que vejo que vai acontecer agora é que os russos vão avançar para o oeste. Não vejo razão para que parem neste ponto.”

No parágrafo seguinte, o oficial americano deixa algo central claro: “De um ponto de vista puramente militar, acho que esta guerra acabou. Não há dúvida sobre isso. Os russos estão agora decidindo até que ponto seus objetivos estão sendo alcançados. E acho que eles estão se reunindo conosco no Alasca mais por cortesia a Donald Trump do que por qualquer outra coisa, não porque considerem necessário ou precisem.”

CARL VON CLAUSEWITZ

Como já dissemos tantas vezes, seguindo Carl von Clausewitz:

1. “A guerra nada mais é do que um duelo em larga escala”, é a continuação de uma luta histórica entre dois ou mais atores que decidiram levar seu confronto a outro nível de violência.
2. “A guerra, portanto, constitui um ato de força empreendido para forçar o adversário a cumprir nossa vontade.” Para o líder militar, a guerra pode ser definida como um ato de força cujo único objetivo é subjugar o inimigo.
3. “A guerra irrompe, adquire suas características e limitações e se modifica de acordo com essas condições e circunstâncias. Mas esses elementos não constituem parte da guerra, mas existem por si mesmos.” Do ponto de vista fenomenológico, a forma que a guerra assume, em seu início, tem suas próprias características e limitações. No entanto, com o tempo, essas condições e circunstâncias podem mudar, o que pode beneficiar um lado ou outro, como de fato ocorreu nesta longa guerra europeia. Por outro lado, o autor prussiano afirma que esses elementos não representam parte da guerra, mas estão sempre presentes em qualquer momento de seu desenvolvimento.
4. “A guerra é uma mera continuação da política por outros meios.” Isso porque é um ato em que o Estado, o Exército e o Povo se tornam três atores que pensam e travam a guerra sob diretrizes estratégicas e táticas que visam subjugar um ou mais inimigos. Infelizmente, uma vez desencadeado, o “demônio da guerra” ganha vida própria, tomando caminhos inesperados e perseguindo objetivos que não são imediatamente óbvios. Nesse sentido, a guerra atual na Ucrânia não é muito diferente de todas as que a precederam ou daquelas que certamente virão. O que muda, ligado ao tempo e à época, é a técnica, ou seja, as ferramentas e sistemas utilizados para o combate, os

líderes militares que dirigem as operações e, claro, os líderes políticos, com suas ideias, métodos e políticas pessoais e singulares.

O campo de batalha condiciona as negociações; a realidade da guerra prevalece: Macgregor continua: “*Acho que estamos em colapso total neste momento. O establishment militar ucraniano não é mais capaz de fazer muita coisa. Eles não têm reservas significativas que possam lançar no campo de batalha. E acho que agora, especialmente suas unidades Azov, eles estão segurando-as, embora sejam principalmente unidades do Ministério do Interior. Eles estão segurando-as, eu acho, para se protegerem, isto é, o regime, e na esperança de mantê-lo no poder em Kiev.*”

A CÚPULA: PROGRESSO E PRÓXIMOS PASSOS

A reabertura do diálogo e a decisão de adversários históricos de se sentarem à mesma mesa são, sem dúvida, positivas. Mas quem pensou em Anchorage como o ponto de chegada ficará decepcionado. De qualquer forma, o Alasca marcou o início de uma longa jornada, que continua íngreme e difícil. Após a cúpula, Trump, em entrevista a Sean Hannity, da *Fox News*, afirmou que o caminho está livre para um diálogo prolongado com o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, sem especificar se uma base para negociação foi estabelecida. A revista *The Economist* menciona a ideia de um cessar-fogo inicial, mas ainda não recebeu aprovação formal para uma proposta oficial.

CONCRETIZAÇÃO E AMBIGUIDADE

Por trás da pátina da reunião e da surpreendente cordialidade, um fato permanece: a ambiguidade subjacente em torno do início da cúpula não foi resolvida. E continua a girar em torno de uma série de fatos incontestáveis.

Primeiro, Trump está disposto a conceder a Putin um resultado teoricamente positivo para a guerra na Ucrânia e até mesmo abrir caminho para a cessão de territórios, de fato, senão de direito, sem, no entanto, atingir os objetivos estratégicos desejados pelo líder do Kremlin.

Os Estados Unidos estão com pressa para encerrar a guerra e se concentrar no Extremo Oriente e na China. A Rússia não está tão ansiosa, mas sabe que a oferta de Washington parece muito aquém do que Moscou espera alcançar (territorial e estrategicamente) e, acima de tudo, não justifica o esforço de três anos e meio de guerra, com as mortes, os danos ao comércio e à economia, e a mobilização interna que isso implicou.

Em segundo lugar, Washington e Moscou se comportam como se estivessem navegando em um eterno 1945, ou pelo menos em uma Guerra Fria sem fim, onde o encontro entre os dois imperadores, o ocupante da Casa Branca e o ocupante do Kremlin, poderia de fato levar a decisões imediatas e substancialmente executáveis para o mundo. Até o momento, nem o acionista majoritário da ordem global, os Estados Unidos, nem a principal potência nuclear do mundo, a Rússia, podem reivindicar esse direito, e mesmo sua relação bilateral permanece incapaz de criar tal dinâmica tectônica. O mundo mudou; está mais complexo e mais competitivo, mesmo para Moscou e Washington.

A ORDEM GLOBAL IMAGINADA POR TRUMP E PUTIN

Finalmente, é importante compreender em perspectiva que tipo de ordem mundial Trump e Putin têm em mente para além do “reflexo imperial” que sua abordagem parece revelar. A ideia de uma “Nova Yalta” é fascinante e tentadora, mas será realmente viável? Trump estará disposto a desafiar o espaço hegemônico dos Estados Unidos, o controle de Washington sobre a Europa, em nome do apaziguamento com a Rússia? E Putin realmente deseja encorajar, com um desfecho rápido da guerra na Ucrânia, a possível retirada dos Estados Unidos contra seu principal parceiro, a China? Como Pequim interpreta essa dinâmica, originada do outro lado do Pacífico e de Anchorage, que em 2021 sediou exaustivas negociações, mas que talvez tenham selado definitivamente a transformação das relações entre Washington e Pequim em uma rivalidade bilateral? Todas essas perguntas precisam ser respondidas adequadamente.

Meados de agosto foi a ocasião para as primeiras palavras cruciais. O futuro deve apresentar fatos decisivos para a Ucrânia, a Rússia, os Estados Unidos e grande parte da ordem global. No entanto, um fato inescapável permanece: algo começou a mudar. Cabe a Trump, Putin e outros líderes mundiais entender e decidir aonde essas mudanças levarão.

Putin: *“Esperamos que Kiev e as capitais europeias percebam tudo isso de forma construtiva e não criem obstáculos ou tentem impedir o progresso emergente por meio de provocações e intrigas de bastidores.”*

Publicado no [La Prensa](#).

***Gabriel Camilli** é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.
